



## O USO DO ROTACISMO NO FALAR DOS MORADORES DO BAIRRO VILA MARIANA EM CÁCERES-MT

Maria Eliane Vila de PINHO (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Jocineide MACEDO-KARIM (UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo analisar e descrever a partir dos estudos sociolinguísticos quantitativos como se dá a ocorrência do uso do rotacismo, ou seja, a troca da letra “L” para a letra “R” no falar dos informantes do bairro Vila Mariana. Procuramos ainda observar as variedades da língua voltadas aos fatores extralinguísticos sexo, escolaridade e idade, bem como analisar a frequência dessas trocas dialéticas no falar dos moradores mais jovens e mais velhos nativos de Cáceres-MT. Para obtermos resultados nessa pesquisa, a fala dos moradores foi gravada através das entrevistas, transcritas e analisadas conforme o grupo de informantes, considerando os fatores condicionadores sexo, idade e escolaridade. Os resultados alcançados na pesquisa mostraram que a presença do rotacismo está fortemente ligada à comunidade. Além disso, observamos que as mulheres mais jovens tendem a conservar mais a variante padrão /l/ que os homens do mesmo grupo, as mulheres mais velhas também apresentaram um índice um pouco elevado da presença do rotacismo, mas os homens mais velhos mantêm o uso da variante /r/ com maior frequência.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Rotacismo. Fala. Variação. Comunidade.

**Abstract:** This study aims to analyze and describe from the sociolinguistic quantitative studies how is the occurrence of the use of rhotacism, ie the exchange of the letter "L" to the letter "R" in speaking of the informants Vila Mariana neighborhood . We also seek to observe the language varieties geared to extralinguistic factors gender, education and age, and analyze the frequency of dialectical exchanges in speaking of the younger residents and more old native of Cáceres-MT. To get results in this research, the speech of residents was recorded through interviews, transcribed and analyzed according to the group of informants, considering the factors conditioners sex, age and education. The outcomes of the research showed that the presence of rhotacism is strongly linked to the community. In addition, we found that younger women tend to retain more standard variant / l / men of the same group, older women also had a high a bit rate of the presence of rhotacism, but older men have the use variant / r / with increasing frequency.

**Keywords:** Sociolinguistics. Rhotacism. Speaks. Variation. Community.

### 1. Introdução

Sabemos que em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. Essas variantes segundo Tarallo (1986) são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. As variantes linguísticas são

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/Cáceres/Brasil - [memariaeliane74@gmail.com](mailto:memariaeliane74@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Doutora em Linguística do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/Cáceres/Brasil. ([jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br)) – Orientadora da pesquisa.



uma forma de dizer a mesma coisa com o mesmo valor, o que muda é a palavra ou a expressão utilizada para designar as mesmas coisas. Desta forma, acreditando que as variantes são diversos modos de falar, faremos um estudo sobre o uso do rotacismo na comunidade Vila Mariana, bem como analisar a frequência do fenômeno (rotacismo) e suas variações no falar das pessoas do sexo masculino e feminino, jovens e mais velhos.

Assim partimos para um estudo linguístico, utilizando os critérios metodológicos da Sociolinguística Quantitativa, tendo a troca do /l/ por /r/ ou rotacismo. Apresentando como *corpus* entrevistas coletadas no bairro Vila Mariana, totalizando doze entrevistas constituídas por duas faixas etárias: a primeira com informantes entre 18 a 38 anos (jovens), e a segunda com informantes entre 48 a 68 anos (mais velhos), todos com nível de escolaridade no ensino fundamental completo ou não.

Para explicar tudo que existe no mundo em que se vive o homem se utiliza da linguagem. A língua é um instrumento indispensável em uma determinada comunidade de fala. Para Alkmim (2011,p.41) “Toda língua é adequada á comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”.

Tarallo (1986, p.62) argumenta sobre como chegar ao conhecimento de uma língua: “É somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única: cada falante é um caso individual”. Pensando nesse contexto iniciaremos nossa pesquisa com a intenção de analisar a frequência do uso rotacismo no falar dos moradores da comunidade Vila Mariana, da cidade de Cáceres. Os informantes desta pesquisa estão distribuídos conforme dito acima. Para a análise, organizamos um roteiro de perguntas, além de uma lista de palavras utilizadas para a leitura, a fim da confirmação ou não do uso do rotacismo no falar dos informantes do bairro Vila Mariana em Cáceres.

Após a definição das perguntas e da lista de palavras para leitura, selecionamos os informantes para a entrevista. Buscamos os moradores do bairro em estudo com o perfil esperado para a realização da pesquisa. Desse modo, selecionamos os seguintes critérios: a) informantes nativos da cidade de Cáceres e moradores do bairro Vila Mariana; b) que os informantes tenham de 18 a 38 anos do sexo feminino e masculino; c) que os informantes tenham de 48 a 68 anos, do sexo feminino e masculino; d) que os informantes sejam alfabetizados com nível de ensino fundamental completo ou incompleto.



A justificativa para a escolha do bairro Vila Mariana tem como base a realização do meu trabalho a mais de 08 (oito anos) como Agente Comunitário de Saúde ACS no Programa do Agente Comunitário de Saúde-PACS do Governo Federal vinculado à Prefeitura Municipal de Cáceres, conforme a Portaria nº1.886, de 18 de dezembro de 1997 e Decreto Federal 3189 que aprovam as Normas e Diretrizes para o cargo de Agente Comunitário de Saúde, apresentando como função de desenvolver atividades de prevenção das doenças e promoção da saúde, através das visitas domiciliares diárias e ações educativas individuais e coletivas, nos domicílios da comunidade Vila Mariana.

Foram entrevistados seis informantes de cada faixa-etária, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: os informantes

Informante	1ª Faixa-etária entre 18 a 38 anos	2ª Faixa-etária entre 48 a 68 anos
Sexo feminino	3	3
Sexo masculino	3	3
Total	6	6

Além dessas considerações destacadas anteriormente sobre os informantes também consideramos relevante para nossa pesquisa o perfil sociocultural do informante apresentado na tabela a seguir:

Tabela 2: Perfil sociocultural do informante

Identificação	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão
F1GFA	Feminino	20	8ª série	Do lar
F1VALS	Feminino	26	8ª série	Desempregada
F1TLA	Feminino	23	8ª série	Do lar
F2MLF	Feminino	52	4ª série	Do lar
F2VCLS	Feminino	52	8ª série	Do lar
F2MCD	Feminino	54	5ª série	Pescadora
M1DPO	Masculino	33	4ª série	Pedreiro
M1MGS	Masculino	29	8ª série	Pintor
M1OAS	Masculino	32	7ª série	Serviços Gerais
M2OV	Masculino	60	4ª série	Guarda



M2JFS	Masculino	60	4ª série	Pedreiro
M2FCL	Masculino	65	2ª série	Aposentado

Nesta tabela consideramos o perfil sociocultural dos informantes, incluindo os fatores extralinguísticos como: sexo, idade, escolaridade e profissão.

No item identificação, foram utilizados códigos para manter o anonimato dos informantes, F1 corresponde informante do sexo feminino da 1ª faixa etária (jovens); F2 corresponde informante do sexo feminino da 2ª faixa etária (mais velhos); M1 corresponde o informante do sexo masculino da 1ª faixa etária (jovens); M2 corresponde o informante do sexo masculino da 2ª faixa etária (mais velhos). E conforme a tabela acima se observa o grau de escolaridade todos os informantes com nível fundamental completo ou não. Esses foram os fatores relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, analisar a frequência do uso do rotacismo no falar dos informantes do bairro Vila Mariana.

## 2. Análise dos dados: o falar do bairro Vila Mariana

O rotacismo é um dos objetos de estudo que tem despertado o interesse dos linguistas, já gramática tradicional considera esse fenômeno como erro de fala na construção das palavras denominada norma padrão.

Conforme Marroquim (1945, p. 37), o rotacismo é um fato muito comum encontrado na linguagem popular, como nos exemplo nas palavras: carçada, fôrgo, sordado, córgo, arvura, por calçada, fôleço, soldado, córrego, alvura. Para o autor essa mudança do /l/ para o /r/ se deu pelo fato atribuído aos tupis, pois os indígenas não possuem esse fonema em sua linguagem, após o descobrimento sua língua foi adaptada. O autor também observa a queda do fonema /r/ no final da palavra, na linguagem de pessoas consideradas instruídas como, por exemplo, na frase: “vou viajá de automóvel”, deixando em questão se isso foi influência dos indígenas ou simplesmente uma simplificação dialetal (p.42).

Considerando que rotacismo é a troca do fonema /l/ pelo fonema /r/. Amaral (1982, p. 52) descreve “Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contacto com o povo rude”. Amaral ainda descreve o dialeto utilizado na zona rural do interior paulista é dito que a líquida lateral em final de sílaba muda-se para “r”: quarquer, papér, mér, arma e no final do seu livro dispõe um dicionário do dialeto com seus vocábulos



característicos e respectivos sentidos. Aparecendo a palavra “forgadô”, costume como o caipira fala para as pessoas que gostam de folgar, divertir. Também polvadeira como “porvadera”, que seria uma grande poeira. Portanto o rotacismo faz parte da detalhada descrição do “dialeto caipira” que, em vista de circunstâncias econômicas e sociais, estaria rapidamente condenado a desaparecer, na visão do autor.

Sobre o rotacismo Bagno, (2005, p. 40-43.) vem definindo o rotacismo como: marcas que afastam das normas da escola, da gramática e dos dicionários, o autor vem desfazendo a ideia de que “pessoas sem instrução falam tudo errado”. Para o autor a troca das consoantes “l” e “r”, por exemplo, presente nas formas: “Cráudia”, “broco”, “pranta” e “chicrete” são as mesmas marcas que transformaram as palavras de origem latinas “plata”, “fluxu” época em que se formava a Língua Portuguesa.

Bagno (idem p.40-43) sustenta que não se trata de deficiência mental dos falantes brasileiros, como cravam alguns radicais do preconceito linguístico. É uma tendência adaptada, já que estas consoantes são afetadas e o ensino ao invés de ridicularizar as pessoas que usam estas formas em sua língua falada, deveria contribuir para que os alunos aprendessem a forma padrão, mas sempre numa perspectiva de adicionar não de escassear suas próprias origens. Desta forma define que o uso de uma variante esteja associado a fatores socioeconômicos, regionais, faixas etárias entre outros, em virtude do português brasileiro não possuir um aspecto único e ser uma entidade possuidora de um repertório imenso de variedades dialetais.

No linguajar carioca, Nascentes (1922, p.69), aponta o uso de rotacismo: —tal como na passagem do latim para o português, o *l* muda em *r*. Cfr. lat. blandu-brando, clavicula-cravelha, flaccu-fraco, gluten-grude, planctu-pranto. “A consoante mais vizinha da vibrante *l* é a vibrante *r*”. Segundo o autor, o rotacismo ocorre também em Portugal, nos pares: clamar-cramar, plantar-prantar, dentro das tendências da língua. Na língua portuguesa falada em Portugal, esse uso não abrange uma totalidade que pudesse ser transmitida ao Brasil. O rotacismo no Brasil teria resultado da influência do substrato tupi, ou de tendência degenerativa com raízes na língua. No tupi não existia o som *lê*, mas o *rê* (*r* brando). Era natural que se trocasse o *lê* pelo *rê* (NASCENTES 1922 *apud* MACEDO-KARIM, 2012 p.69). Portanto, o rotacismo fez parte da língua portuguesa padrão conforme dito acima em “prata”, “frouxo” etc.



Por ser uma tendência essencial à língua, as pessoas falantes destas variantes não padrões só são estigmatizadas pela sociedade devido ao preconceito por estarem fora do domínio linguístico, convivendo unicamente em questões sociais. Notamos que o rotacismo está presente fortemente em nossa linguagem, a linguagem que utilizamos no nosso dia a dia, nos finais de semana, em passeios, festas, encontros, fatos e acontecimentos.

Considerando os aspectos propostos pelos estudiosos acima, partimos para apresentar o uso do rotacismo na comunidade Vila Mariana:

- (1) A cidade da **bicicreta**, quando **vortei** aqui, já existia muita **bicicreta**, acho que não né... muita a cidade das **bicicreta** cada vez mas.
- (2) A **grobo craro**.
- (3) Gosto.....eu nasci e **cliei** aqui.
- (4) Opió di tudo é o **asfarto**, tem bairro que tem mais de quarenta anos e num tem nada.
- (5) **Arguns** tá mudano..... quem estuda mais muda né.
- (6) A **grobo** né.
- (7) Gosto..... aqui é variedade muitas **pranta** né.....aqui em Cáceres tem muita fruta.....acerola né.
- (8) Nosso bairro?.....vou fala do nosso bairro Vila Mariana tá precariu, até qui nós somos rodeado de benfeitoria como hospital Regional tá bem ai, farmácia mercado, lotérica....então eu vejo assim como um bairro muito bom só **farta** melhorá.
- (9) Já muito... me **assartaro** e colocaro uma faca no minha costela. Outra vez que me **assartaro** eu dei um bote neles né.
- (10) É da administração e do **pobrema** que tem em Cáceres são as rua.

Demonstramos na tabela abaixo o uso do rotacismo por grupo de informantes: Grupo 1 e do grupo 2.

Tabela 3: Percentual do uso do rotacismo no grupo 1

Grupo 1	Número de ocorrências da presença de rotacismo e % de uso	Número de ocorrências da ausência de rotacismo e % de uso
(F1GFA)	7 20,58 %	9 21,95 %
(F1VALS)	4 11,78 %	8 19,51 %
(F1TLA)	3 8,82 %	8 19,51 %



(M1DPO)	5	14,70 %	6	14,64 %
(M1MGS)	8	23,52 %	4	9,75 %
(M1OAS)	7	20,60 %	6	14,64 %
TOTAL	34		41	

Na tabela 3 acima observamos as ocorrências da presença e ausência do uso rotacismo no grupo 1. Conforme os dados coletados nas entrevistas a presença do rotacismo nesse grupo resultou em trinta e quatro (34) ocorrências na fala dos informantes mais jovens de 18 a 38 anos, homens e mulheres. Observa-se nesse grupo que o informante tanto as mulheres como os homens utilizam o rotacismo no seu falar variando apenas nos índices de atuação. No falar das mulheres a presença do rotacismo atingiu percentuais que variam de 8,82 %, 11,78 %, 20,58 % e no falar dos homens os índices variam de 14,70%, 20,60%, a 23,52%, com o maior índice registrado na fala dos homens.

O resultado da ausência de rotacismo nesse grupo totalizou quarenta e uma (41) ocorrências. Sendo que os índices alcançados variam de 9,75, 14,64 %, 19,51 % e 21,95 %. Desse modo, as demais variáveis serão analisadas a partir dessa visão, a de os informantes de ambos os sexos utilizam-se desse fenômeno linguístico no seu falar alternado apenas os índices de atuação.

A seguir apresentamos a tabela 4:

Tabela 4: Percentual do uso do rotacismo no grupo 2

Grupo 2	Número de ocorrências da presença do rotacismo e % de uso		Número de ocorrências da ausência do rotacismo e % de uso	
(F2MLF)	13	22,80 %	2	8,33 %
(F2VCLS)	8	14,03 %	5	20,83 %
(F2MCD)	7	12,30 %	6	25,00 %
(M2OV)	14	24,57 %	1	4,16 %
(M2JFS)	13	22,80 %	3	12,50 %
(M2FCL)	2	3,50 %	7	29,18 %
TOTAL	57		24	



Nesta tabela apresentamos os resultados alcançados no grupo 2 por falantes mais velhos de 48 a 68 anos homens e mulheres. A presença do rotacismo totalizou em cinquenta e sete (57) ocorrências e a ausência do rotacismo atingiu vinte e quatro ocorrências. O número de ocorrência da presença de rotacismo apresentou índices que variam de 12,30 %, 14,03 % a 22,80 % na fala das mulheres e na fala dos homens esse uso atingiu os índices de 3,50 %, 22,80 % e 24,57 %. Observa-se que há uma aparente diferença na frequência de uso do fenômeno linguístico, a ausência do rotacismo totalizou vinte e quatro (24) ocorrências, com índices que variam de 4,16 %, 12,50 %, 25 % e 29,18 %.

Comparando os resultados das tabelas (3) e (4) observa-se que a frequência do uso do rotacismo está vinculada ao fator condicionador idade do informante, ou seja, quanto maior a idade do informante maior a possibilidade de resistência da variante em estudo.

O uso do rotacismo é predominante no falar do grupo dois formado por informantes mais velhos, esses resultados confirmam outros estudos desenvolvidos nessa área de estudo, como citamos: Macedo Karim (2010, p.89) “A Concordância Nominal de Gênero na Comunidade Cacerense”, os mais velhos tendem a serem mais conservadores da variante característica da região que, mesmo diante de vários fatores que influenciam o informante a uniformizar sua fala, com o uso da variante padrão. Há também vários estudos feitos por acadêmicas do Curso de Letras como o de Araújo (2001/2) em estudo sobre “A variação do gerúndio no falar da comunidade ribeirinha de Cáceres” concluindo que a variante não padrão está mais resistente na fala dos mais velhos.

Outro estudo feito por Pereira (2007), que analisa a variação na concordância de gênero no falar dos moradores de Poconé, em Mato Grosso. Resultando em que o uso da variante não padrão é maior entre as pessoas mais velhas (PEREIRA 2007, *apud* ARAÚJO, 2001 p.10).

Como o nosso trabalho trata-se de uma pesquisa Sociolinguística quantitativa, sabemos que ao longo da pesquisa encontramos fatores que influenciaram nos resultados deste estudo. Sobre os fatores condicionadores lembramo-nos dos resultados de Tarallo (1986) que discorre sobre as hipóteses que são dadas ao contexto ou fatores que influenciam a variável, ou seja, os contextos são considerados como os fatores condicionantes, que, decerto modo, influencia na ocorrência das variantes.

### 3. Considerações finais



Ao longo deste estudo pudemos analisar a frequência do uso rotacismo no falar dos moradores do bairro Vila Mariana, sob o aspecto da Sociolinguística Quantitativa, área de conhecimento que desenvolve um trabalho de análise de dados produzidos em circunstâncias reais de uso.

A metodologia e a teoria da Sociolinguística Quantitativa, assim como teoria de outros estudiosos da área, foram instrumentos importantes para que pudéssemos mostrar a frequência do uso rotacismo no bairro pesquisado, sob o aspecto de fatores extralinguísticos como: sexo, idade e escolaridade, concluímos resultados significativos em relação ao fenômeno estudado.

O *corpus* foi constituído de amostras da fala de nativos da comunidade em questão, escolarizados de nível fundamental, foram realizadas um total de doze entrevistas sendo seis do sexo feminino (jovens e mais velhos) e seis do sexo masculino (jovens e mais velhos). As entrevistas foram transcritas e selecionadas as ocorrências e após essa etapa foram desenvolvidas as análises da frequência de uso da variável dependente: a presença e ausência do rotacismo no falar da comunidade.

Considerando a variável escolaridade neste trabalho, foi analisada no sentido de verificar quantitativamente o uso do rotacismo nos informantes do ensino fundamental completo ou não. Como obtivemos índices maiores na fala dos moradores masculinos mais velhos cabem-se verificar a escolaridade desse grupo. Fica claro que o grupo dos homens mais velhos possui nível menor de frequência escolar, totalizando trinta e três ocorrências, apresentando um percentual maior que os demais grupos, o nível escolar nesse grupo não passa da quarta série, enquanto os demais grupos chegam ao ensino fundamental completo, como se observa na tabela 2. Portanto podemos dizer que os moradores com menos escolaridades apresentam índice maior da variante não padrão /r/.

Por fim, os resultados encontrados nesta pesquisa aparentemente apontam que os jovens de ambos os sexos tendem a usar menos a variante /r/ que os grupos dos falantes mais velhos. Embora as mulheres de mais idade apresentassem um índice elevado da presença do rotacismo, contudo os homens mais velhos ainda lideram com maior índice de uso da variante não padrão /r/.

Buscando um pouco da linguagem na história de Mato Grosso, vários autores contam que por volta do século XVIII época em que a região foi alcançada pelas Bandeiras Paulistas,



esses Bandeirantes viriam à região em busca dos índios, mas encontraram ouro nas margens do Coxipó e com essa descoberta levou-os a permanecer na região. Conforme Santiago-Almeida (2002, p.27 *apud* Melo 1971), afirma que esses bandeirantes teriam como missão distribuir o dialeto formado no planalto Piratiningano pelos sertões de Minas, Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul e, através do São Francisco, até pelo Nordeste. Esse dialeto, resultante da interação entre o português arcaico tardio e as línguas indígenas e africanas, constituiria as variedades linguísticas faladas pelas populações interioranas, habitualmente referidas como dialeto caipira. Assim o falar cuiabano seria o resultado do contato, muito estreito, entre o dialeto caipira, recheado de elementos típicos do português arcaico, e as línguas indígenas faladas na região.

Desta forma, considerando a hipótese da História de Mato Grosso, nos leva a entender que o rotacismo foi implantado no falar do povo cacerense, por imigrantes portugueses que fizeram parte da história. Sabemos que já passou muito tempo e esse traço ainda permanece fortemente no nosso município.

Portanto, através dos resultados obtidos na análise da troca da variante /l/ pelo /r/ podemos notar que este fenômeno denominado rotacismo é bastante influente na fala dos moradores do bairro Vila Mariana, apresentando um índice maior de uso na fala dos informantes do sexo masculinos mais velhos. Ao término desta pesquisa, após ter conhecido a teoria da Sociolinguística, observamos ainda que há outras riquezas linguísticas que podem ser estudadas nesta comunidade de fala.

#### 4. Referências bibliográficas

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. São Paulo, ed. 4<sup>o</sup> 1982.

ARAÚJO, Carleni. **A variação do gerúndio no falar da comunidade ribeirinha de Cáceres**. Universidade do Estado de Mato Grosso. (Monografia de Graduação do Curso de Letras) UNEMAT, Cáceres. Mato Grosso, 2010.

ALKMIM, Tânia Maria. (2011). Sociolinguística. In: MUSSALIM F. & BENTES, A. C (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 38. ed. São Paulo: Loyola, 2005.



BRASIL, Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Básica. Guia prático do agente comunitário de saúde/ Ministério da Saúde- Brasil-DF: Ministério da Saúde, 2009.

COSTA, Luciane Trennephol. **Análise variacionista do rotacismo**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – Revel. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007(aceso em 28/08/2014).

COX, Maria Inês Pagliarini (2005). **O rotacismo no falar cuiabano**: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. IN: Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso. Almeida, M. M. S. & Cox, M.I. P. (Ogs.). Cuiabá, Cathedral Publicações. p.95- 106.

MARROQUIM, Mario. **A língua do Nordeste**. São Paulo, ed. 2º, 1945.

MACEDO KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT**: aspectos linguísticos e culturais / Jocineide Macedo Karim. -- Campinas, SP: [s.n.], 2012. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

\_\_\_\_\_. **A concordância nominal de gênero na comunidade cacerense**. IN: Revista ECOS, Literaturas e Linguísticas, Coordenação: Agnaldo Rodrigues da Silva. (Revista do Instituto de Linguagem). Cáceres-MT: Editora Unemat, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, Antenor. (1923). **O linguajar carioca**. 2. ed. completamente refundida, Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PEREIRA Silva, Mariza. **Um estudo de variação dialetal**: a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres - MT. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII). Tese de Doutorado, USP/FFLCH, 2002(aceso em 04/10/2014).

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.